

# **O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon**

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>1</sup>



**Identidade**

## **Resumo**

O presente artigo pretende analisar a trajetória da personagem Madruga no romance “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon, publicado em 1984. Nesse romance, a personagem vive entre lembranças do passado e frustrações do presente, visto que, após trabalhar arduamente na condição de imigrante, cresce financeiramente, mas torna-se infeliz por não ter tido o mesmo sucesso na área emocional. Assim, vê-se em crise de identidade entre os dois países em que viveu e entre a falta de afeto dos familiares e a superficialidade da condição social.

Palavras-chave: Sonho. Identidade. Passado. Estrangeiro.

## **The agonizing world of Madruga: analysis of the main character in “The Republic of Dreams”, by Nélida Piñon**

## **Abstract**

This article aims to analyze the character Madruga throughout the trajectory of the story in the novel The Republic of Dreams, by Nélida Piñon, published in 1984. In this novel, the character lives in the midst of memories from the past and present time frustrations, provided that after working exhaustively as an immigrant, he reaches a favorable financial situation, but becomes unhappy for not being as successful in his emotional life. Therefore, he sees himself facing an identity crisis between the two countries where he has lived, and the lack of affection from his family members, and the superficiality of the social condition.

Key-words: Dream. Identity. Past. Foreigner.

Madruga é a personagem central do romance “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon, publicado em 1984. Ele aproxima-se da descrição feita por Kristeva sobre o imigrante, “um batalhador, audaz ou espertalhão”; um trabalhador persistente, sem dar importância às adversidades, empenha-se em prosperar financeira e socialmente com o propósito de “ganhar a América”. Como imigrante da Espanha, chega ao Brasil sem nada; então, não há o que perder, toda conquista deverá levá-lo, necessariamente, a um ganho. Sacrifica-se por um objetivo maior, o de enriquecer, e, depois de atingido o objetivo, não encontra felicidade, pois, ao construir riqueza material, não teve tempo

**MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010**

nem habilidade para harmonizar os sentimentos. Neles inclui-se a família e suas relações. A consciência amarga, de que trata Kristeva, aparece para Madruga e sua esposa. Ele, primeiramente, sente-se eufórico por estar fundando uma família numa nova terra, que seria uma extensão da família galega. A liberdade de não precisar obedecer a ninguém o torna dono da situação e o faz sentir-se poderoso.

Após o enriquecimento, com uma vida mais tranquila, a consciência amarga surge para ele e sua esposa Eulália, na medida em que se vão sentindo órfãos, não somente dos familiares, mas também da terra natal e de seus costumes originais, o que vai colocando-os distantes uns dos outros. Assim, passam a viver de forma controversa: residindo no Brasil, sentem-se mais próximos da Galícia. Se ao chegar ao Brasil, Madruga estava cheio de autoconfiança, o mesmo não ocorre anos mais tarde, após seu pleno estabelecimento em terra estrangeira. A falta de realização pessoal no plano afetivo veio de encontro à conquista financeira, ou seja, “ganhar a América” não repercutiu em felicidade familiar, gerando, assim, uma crise de identidade. Diante da crise, Madruga repensa sobre seu passado e, na tentativa de resgatá-lo, volta-se para a arte de contar histórias, tão cara ao seu avô e aos seus conterrâneos na Galícia.

A trajetória da personagem Madruga passa por momentos fundamentais desde a saída de Sobreira, na Galícia, rumo ao Rio de Janeiro, no Brasil, seu estabelecimento na nova terra e a vivência de uma crise de identidade.

A travessia da Europa para a América não é simplesmente a mudança de um lugar para outro. É muito mais: é a travessia da conquista, do heroísmo, da vitória – que passa por muitas dificuldades. Tem a mesma dimensão de quando Walter Benjamin analisa o herói moderno, visto a partir de Baudelaire, ao estado de devaneio, peculiar às grandes cidades, cujo prazer de olhar “pertence àqueles que atravessaram a cidade como que ausentes, perdidos em seus pensamentos ou preocupações” (p. 9). Nessa análise, Baudelaire refere-se ao poeta como um esgrimista, um artista que trava um duelo antes de ser vencido. Tal como ocorre com Madruga, um esgrimista com dupla tarefa: vencer as dificuldades de adaptação e conquista financeira na América e, depois, reordenar seu passado e suas histórias ouvidas, acrescidas das vividas e outras inventadas por ele. Ao

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélide Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010

conversar com o tio Justo, em Sobreira, percebe que ao fracasso do tio, corresponde a sua necessidade de vitória, isto é, aquilo que um não conseguiu realizar no passado, agora ele o faz com sucesso. Quer dizer que vencer a América significa provar que algum galego conseguiu fazer o sonho dar certo. Não se trata de um sonho pessoal, e sim, o de um povoado. Por isso, torna-se herói para seus conterrâneos; representa, pela luta diária, a vitória por ter se originado de um povoado pobre e humilde, porém rico em devaneios e esperanças. O herói que se lança na cidade grande, não hesita em conquistá-la, não admitindo derrotas, mesmo que o preço para isso seja a felicidade, obrigando-o a vencer suas barreiras e, mais tarde, na velhice, deixa-se ser tragado por ela. O tio não lhe fizera uma doação financeira, apenas fizera-lhe um empréstimo — pensava ele que estava recebendo dinheiro emprestado, mas não — ele recebia, e por isso o tio chamava-se Justo, o empréstimo do sonho e os juros do fracasso para transformá-los em vitória:

Não se preocupe com o dinheiro das despesas iniciais. Decidi aumentar sua dívida comigo. Assim não lhe faltarão algumas moedas para os primeiros pratos de comida no Brasil. Deste modo, eu o escravizo e lhe combato o orgulho excessivo. Saiba que os deuses são implacáveis diante da felicidade, o tio sorriu, pela primeira vez descontraído. (p. 78)<sup>2</sup>

Era-lhe decretada uma profecia. Ao mencionar a felicidade, falava de si mesmo. Madruga assume, dessa forma, o sonho e o desafio do tio. A narração mescla a fala da personagem (o tio Justo) com um comentário – mostra-se, assim, um narrador em primeira pessoa com papel secundário; é apenas um resgate de outras falas, outras vozes que se entrecruzam na tentativa de estabelecer significados.

Além das vozes, o olhar também é significativo e sua importância é destacada para o ato da escrita. É assim que Madruga inicia sua viagem, observando e impondo-se com postura ereta, como quem sabe das dificuldades e já as enfrenta pelo olhar, pela firmeza e austeridade. Para Alfredo Bosi (2003), é um “ver como resultado obtido a partir de um olhar ativo [...] uma vertente idealista ou mentalista do ver como buscar, captar” (p. 66-7). Em seu olhar está a promessa da conquista que, ligado diretamente à expressão, capta com os gestos e com os outros sentidos, compõe as intenções do momento da personagem.

Madruga, ao sair do seu povoado, absorve o novo ambiente também pelo olhar:

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

Madruga pisava Vigo pela primeira vez. O acanhado mundo em que viveu não lhe permitira, até então, ultrapassar outras portas. Contudo não esmorecia. E olhando os prédios em torno, para se animar, pensou que afinal era como se já tivesse partido. A América já o aguardava. [...] E quando os primeiros passageiros subiram a bordo, Madruga ficou a lhes estudar os gestos, certo de imitá-los. Com a cabeça ereta, venceu as autoridades, sempre preocupado que o quisessem deter por motivo desconhecido. [...] Precisava perder a pátria atento à paisagem recortada pelos montes e os prédios baixos, a distância. (p. 82-3)

Temos nesta citação o esgrimista, o olhar observador do viajante. Parte de sua terra natal armado do olhar que a tudo observa e que o faz começar a sentir-se desterrado, ao mesmo tempo em que o faz sentir-se um herói desbravando novas terras – o seu novo território a ser conquistado, a ser capturado, em posição ativa, aberto ao desconhecido.

E, para preservar esta heroicidade, precisa recorrer a uma herdeira, justificando a necessidade de continuar o sonho, o resgate das origens, enfim, de possibilitar a permanência dos ancestrais pelos costumes preservados. Não haveria sentido tanta luta se não fosse eternizada nas histórias a serem contadas por alguém.

A promessa de vida melhor e de enriquecimento impulsionava-o a trabalhar e, mais tarde, a meta passou a ser a reconstrução da história de sua família, muitas vezes, mesclada com lendas, heróis verdadeiros e outros tantos inventados:

Havia no entanto em Sobreira a prática de se falar da América, como fonte de cura para os males e a exorcização dos demônios. Um debate que se iniciava às vezes ao café da manhã, tomado em meio ao frio e à neblina entrando pelas frestas das janelas e da porta, terminando depois do jantar. Cada membro da família emprestando à América uma fantasia a seu gosto. (p. 24)

O tio falou em sonho com a naturalidade do lavrador colhendo o feno para as vacas. Familiarizado com uma quimera, de que não o supunha capaz. A ponto de fazer do sonho um objeto sempre presente em seu estábulo, entre as suas vacas. Por sinal as únicas mulheres da sua vida. (p. 30)

Xan mostrou ao neto a concha de Santiago, com que os peregrinos se serviam da água quando Galícia fora o centro espiritual da Europa. Expressava-se Xan com tal convicção, que ambos buscaram em torno os fantasmas dos poloneses, tchecos, franceses, que não ultrapassaram o Cebreiro, ali se radicando. (p. 117)

Outro atrativo para ele também era o fato de que julgavam ser a vida uma grande desordem na América e que, assim, cada um poderia construí-la como melhor lhe aprouvesse, inclusive com oportunidades para juntar grandes fortunas. Movidos por

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélide Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

**MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010**

ideias arraigadas de sua cultura, muitas falas são repetidas ao longo da narrativa, como: “Os nascimentos em geral previam a eminente partida dos mais velhos” (p. 103). Crenças como essa revelam o quanto aqueles que transgrediam os costumes chamavam a atenção e eles até mesmo não eram considerados homens sérios. E este era um dos aspectos que os encantava no Brasil, em uma América desorganizada.

Madruga é personagem desbravadora. De origem pobre, persiste no sonho de enriquecer. A exemplo de conterrâneos, inclusive incitado pelo avô e pelo tio, sai de uma pequena aldeia da Galícia e vem para o Brasil em busca da terra prometida. Na sua bagagem, traz apenas as vivências e a grande vontade de vencer. Com todas as agruras que lhe acontecem, constantemente, retorna ao passado para reviver sua origem, para estar no seu porto seguro.

A trajetória da personagem é marcada pelo tempo. No romance, o tempo se estrutura de tal forma que, constantemente, a personagem recupera situações do passado e mescla-as com o presente. Ele “organiza o narrado”, no dizer de Donaldo Schüler (2000, p. 49). Em “A República dos Sonhos”, não há um tempo linear, cronológico e sim, a recuperação de fatos pela memória e organização do presente. Trata-se de uma narrativa que mescla as fases de vida, pois o que importa é compreender os momentos vividos, é reatar valores e constituir a importância da conquista de uma vida melhor por parte do imigrante espanhol no Brasil. Essa fusão do tempo condiz com o romance moderno, cuja narrativa mescla várias épocas e, o mais importante, é a reflexão acerca dos fatos e seus desdobramentos, como também a sua sequência. Rosenfeld analisa o romance moderno e sublinha a questão do tempo na perspectiva de uma nova ordem:

O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro. [...] Sabemos que o homem não vive apenas “no” tempo, mas que é tempo, tempo não-cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. (2009, p. 80 e 82)

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélide Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

**MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010**

Nessa mistura cronológica, as lembranças não possuem mais precisão exata de quando ocorreram, as vivências renascem a cada nova lembrança e Madruga, chegando à velhice, sente-se profundamente frustrado com a vida.

Grande parte da narrativa ocupa-se em descrever o sonho de vários homens daquele povoado: ir para o Brasil, ou crescer na própria Galícia, ou apenas o sonho de meramente viver aventuras. Para Bachelard (1988), o sonho é imprescindível a fim de que o homem se abra a uma nova vida; é no sonho ou no devaneio do poeta que o mundo surge pela imaginação. Segundo Frye (2000), a imaginação ganha maior força nas artes, no amor e na religião; na obra literária, é preciso recuperar o tempo e reconstruir o espaço; há uma necessidade de reconstituir a sequência narrativa, de evidenciar a totalidade, o fechamento. Na trajetória de vida, várias personagens apresentam seu lado sonhador: o avô Xan e Salvador, Madruga e seu amigo Venâncio, que ansiavam por uma vida de emoções e novidades. Todos alimentados pelo sonho de viver aventuras, de percorrer outras terras, com o objetivo de, no devaneio, abarcar o todo, numa possibilidade de integração com o cosmo. Essas personagens fazem isso com maestria, pois criam um mundo à parte, negando-se a participar das convenções da sociedade a qual pertenciam. Eles vivenciavam completamente suas crenças e buscavam seguidores, tal qual apregoa Bachelard:

O sonhador, em seu devaneio sem limite nem reserva, se entrega de corpo e alma à imagem que acaba de encantá-lo. [...] uma única imagem cósmica lhe proporciona uma unidade de devaneio, uma unidade de mundo. [...] Desde a abertura do mundo por uma imagem, o sonhador de mundo habita o mundo que acaba de lhe ser oferecido. De uma imagem isolada pode nascer um universo. (1988, p. 167)

Por isso, o sonhador passa a ser incompreendido; à medida que cria e habita o mundo imaginado, quem não participa do mesmo sonho, passa a vê-lo como alguém fora da realidade e impossível de ser alcançado. Situação esta vivida pela personagem Venâncio, também imigrante que fez sólida amizade com Madruga no navio durante a trajetória da Galícia para o Brasil. Ele chega até mesmo, a ser internado em um hospício e só recebe apoio de Madruga e de Eulália; ele por compreendê-lo, e ela, por sentir dó de um amigo e admirador.

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

Dentre as histórias preservadas, algumas versavam sobre o sonho de ganhar a América. Para os habitantes de Sobreira, na Galícia, manteve-se no imaginário coletivo a crença de que a América seria o lugar certo para enriquecer; isso adquiriu consistência desde as personagens mais velhas até as mais jovens. E, por isso, Madruga cumpriu seu destino ao sair da sua cidade, realizando o sonho de todo o povoado, o que ficou evidente no momento em que ele retorna a sua cidade natal para se casar com uma conterrânea e retornar ao Brasil para estabelecer-se definitivamente e constituir família. A partir disso, com filhos brasileiros, o sonho se realiza. E a América comprova-se como o local de enriquecimento – cumpriu-se a crença de seu povoado, comprovou-se o valor de toda a luta para se estabelecer na América. Na bagagem principal desses aventureiros estava a memória das histórias de seu povo.

Madruga vivia atormentado e dividido entre ser um bom contador e trabalhar para enriquecer; na sua forma de expressão, “ganhar a América” significava fazer fortuna. E, para isso, necessitava dedicar-se inteiramente ao trabalho e economizar muito. Depois que conseguiu contrair uma riqueza considerável, garantindo vida abastada para a família, viu-se perdido diante dos objetivos de vida. Sentia que estava traindo seu avô e seu passado, não havia se dedicado o suficiente para preservar as tradições, nem se mantinha presente na família:

A sós com Ceferino, Urcesina lamentou que o filho se tornasse agora um estranho. E logo quando ele tinha tudo para ser feliz. Em vez disso, comprazia-se em coçar este bendito peito, de que falara, para que lhe nascessem ali feridas e bolhas supuradas. Pois se até a mulher ele negligenciava! Lá seguindo Madruga para o monte com as vacas a tiracolo. O que não se ia murmurar de um homem que, em vez de exaltar o ouro americano, exibia suas aflições. (p. 102)

- Não sei narrar com a maestria do avô Xan. Era um dom que Deus lhe deu por conta das moedas de ouro que nunca teve. (p.103 )

Encontramos em Madruga, presença de um princípio de crise de identidade. Diante do império consolidado, a vida íntima desmorona. Império aqui remete a tudo que Madruga conquistou financeiramente e no que ele se transformou desde a chegada ao Brasil, ou seja, o homem audacioso e destemido, que não mediu esforços para ser um rico negociante.

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélide Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

Ele sente-se dividido porque seguiu a sina de alguns conterrâneos ao buscar vida nova em outro país. Induzido pelo prazer em aventurar-se, parte para o encontro do inesperado, sabendo que as dificuldades seriam muitas, desde a adaptação até a consolidação e o enriquecimento. Porém, ele não esperava que, ao atingir este objetivo, renunciaria à felicidade plena, à união da família. E, ao constatar a desarmonia de vida em que se encontrava, sentiu saudade do avô, da vida que levava junto dele e de tudo o que aprendera em Sobreira com os contadores de histórias. Por fim, a divisão que sentia era entre ser um rico comerciante ou um sonhador e exímio contador de histórias.

Nessa discussão acerca da função de cada um no Brasil, circulam os sonhos quase impossíveis de viver em dois países ao mesmo tempo: enquanto está no Brasil, cultua emoções e vivências da Galícia a ponto de, algumas vezes, viajar para lá, a fim de renovar as sensações e energias necessárias para continuar no Brasil. A experiência de perceber-se estrangeiro, faz com que se sinta em dois lugares e, ao mesmo tempo, em nenhum deles. Essa questão é analisada por Kristeva, considerando a existência do espaço do estrangeiro e sua relação com o tempo:

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado. (1994, p 15)

A pretensa manutenção de identidade dupla não lhe permite viver no tempo real as duas nacionalidades, por isso, cultua o sonho e preserva as histórias de um país, enquanto cria novas histórias na nação que escolheu não só para morar, mas também para ter saudade da terra natal e preservá-la em desejos irrealizáveis. E assim, explica à família sobre a diferença entre ser rico no Brasil e ser pobre na Galícia, desejando, no fundo, estar na terra de origem, mas com a riqueza só possível de ser adquirida no Brasil. Ou seja, é pelo impossível de viver em um país e sonhar com outro, que Madruga constrói a família. A ele coube a tarefa inicial de fazer fortuna, de dar condições financeiras favoráveis à esposa e aos filhos, para assim, ao voltar à terra de seus familiares a passeio, poder justificar sua ausência e ser respeitado e admirado pelos

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*



MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010

conterrâneos. Afinal, precisava dar motivos honrosos a fim de ser aceito, já que na sua terra natal não haveria condições favoráveis ao enriquecimento. Há ligação permanente entre a vida atual e a antiga, o que o fazia conviver com a melancolia: “Maldita fortuna forjei, fui pensando, enquanto me traziam mingau de maisena. [...] Não sei de nada. O destino humano é trágico. Derrama lágrimas de ouro e de afeto ao mesmo tempo” (p. 499).

Pela frustração, resta-lhe pensar na terra natal e no seu antigo modo de vida, mesmo sabendo que o passado não voltará. É a tristeza profunda pela perda:

Conhecemos o estrangeiro que chora eternamente o seu país perdido. Enamorado melancólico de um espaço perdido, na verdade, ele não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida. O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada. (KRISTEVA, 1994, p. 17)

Madruga revive no passado em decorrência de sua frustração da forma atual de vida da família e sua incapacidade de união fraternal. Apega-se, então à neta que lhe dá atenção e acena-lhe a possibilidade de unir o presente ao passado. Porém, na ausência da neta Breta, fica desconsolado e sente-se perdido. A negação do presente mistura-se a reflexões acerca do futuro e da relação com os que deveriam ser-lhe mais íntimos. Chegando ao fim da vida, e à perda da esposa, vê-se sozinho, desacreditado; conquistada a América, não há mais por que lutar, a riqueza não lhe trouxera felicidade e o resgate da história familiar torna-se penoso.

No decorrer da narrativa, encontramos Madruga mais decadente, recordando a vinda de navio e a chegada ao Brasil em 1913. Aqui, todas as recordações vêm à tona, com misto de amargura e vitória. Destas lembranças, o amigo Venâncio se destaca desde o momento em que se conheceram no navio, o primeiro trabalho e as dificuldades de moradia e adaptação. Vem à lembrança as origens na Espanha e a formação do povo do qual descendiam. Essa volta às origens é uma tentativa de se entender, de não esquecer como tudo começou e pensar em que se transformou aquele início do sonho – ou seja, um ideal de um povo e não somente de dois imigrantes. Eles, então, representam a realização de um povoado pobre, com dificuldades de sobrevivência, por isso, vão tentar a sorte em lugar distante. Nesta conjuntura, eles têm necessidade de

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélide Piñon*  
*Lúcia Regina Lucas da Rosa*

MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010

construir uma identidade, que, no entanto, revela-se transitória. Questão esta que é discutida por Bauman:

...a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, p. 22)

Nesse sentido, na construção da identidade dessas personagens, cada uma organiza sua vida mais por dissidência que por convergência. Em relação a Madruga, cada personagem é estabelecida de uma forma de vida que acaba afastando do contexto familiar, do conjunto harmônico projetado por ele, que gostaria de ver os filhos unidos em torno dos mesmos objetivos. Essa visão ocasionou os desentendimentos na família de Madruga, uma vez que pretendia seus filhos e esposa participando do seu sonho e tendo as mesmas metas. Ao olhar para o passado, repassando seus sonhos, não os vê realizados no presente: “Éramos impulsionados pelo sonho e a paixão. E agora, o que nos resta? Quem somos nós, amigo?” (p. 710)

Com essas indagações, é possível percorrer todo o romance e compreender a necessidade da personagem em se perguntar sobre si. Ao traçar um rumo de forma tão obstinada, Madruga não se deu conta de que, ao fazer a fortuna, precisaria construir-se também. E o fato de sonhar sozinho, afastou-o dos familiares, cujos interesses eram outros. Acaba na solidão e frustrado e, para não se resignar à tristeza, resgata suas histórias para compreender-se e unir-se ao passado afetivo.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.

*O mundo agônico de Madruga: análise da personagem central em “A República dos Sonhos”, de Nélida Piñon*  
Lúcia Regina Lucas da Rosa

MOUSEION, vol. 4, n.7, Jan-Jun/2010

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Obras Escolhidas 1.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. 10 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: ensaios sobre mitopoética*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. Tradução de Sandra Vasconcelos.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Tradução de GOMES, Maria Carlota Carvalho.

PIÑON, Nélide. *A República dos sonhos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2009. Série Debates.

SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 2000.

---

<sup>1</sup>Mestre em Letras (UFRGS). Doutoranda em Letras (UFRGS). Graduação em Letras (PUCRS). Coordenadora do curso de Letras e professora adjunta do Unilasalle Canoas. e doutoranda pela UFRGS.

<sup>2</sup>PIÑON, Nélide. *A República dos Sonhos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. Todas as citações deste romance em estudo receberão apenas o número da página.